

SALA DE AULA EM ALERTA: O IMPACTO DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO, SAÚDE E VIOLÊNCIAS NA PROFISSÃO DOCENTE

ANA PAULA L. CAETANO¹ LIANA WERNESBACH PINTO²; FLÁVIA F. DE SOUZA³; JOVIANA Q. AVANCI⁴

¹ FIOCRUZ/ SEEDUC/RJ, email ana.caetano@fiocruz.br

² ENSP/FIOCRUZ, email lianawp@fiocruz.br

³ FEBF/UERJ, email flaviasouza.uerj@gmail.com

⁴ ENSP/FIOCRUZ, email joviana.avanci@fiocruz.br

Palavra-chave: Saúde Docente; Violências; Condições de trabalho.

A profissão docente, marcada por intensas exigências e crescentes desafios, tem se configurado como uma das mais vulneráveis ao adoecimento físico e mental. Neste contexto, o presente estudo buscou compreender os impactos das condições de trabalho e da violência na saúde de docentes da educação básica do município de Duque de Caxias, periferia do Rio de Janeiro. Trata-se de um estudo transversal realizado com 163 professores filiados ao Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação (SEPE), que responderam a questionários on-line entre setembro e dezembro de 2023. Foram investigados perfil sociodemográfico, condições de trabalho, experiências de violências, situação geral de saúde e sofrimento psíquico, avaliado pela escala SRQ-20. A análise envolveu estatística descritiva e regressão logística binária.

Os resultados revelaram prevalência de sofrimento psíquico em 71,1% dos docentes, sem diferenças significativas segundo sexo, idade ou escolaridade. Entre os fatores associados destacaram-se a insatisfação com a própria saúde (51,6%) e a necessidade de dois ou mais atendimentos em serviços de urgência (37,7%). A violência escolar apresentou índices alarmantes: 67,3% dos professores relataram risco de arma de fogo, 65,4% risco de arma branca, 78,6% sofreram agressão física, 82,4% vivenciaram violência psicológica e 74,2% relataram episódios de humilhação no trabalho. Entre os docentes com sofrimento psíquico, esses percentuais foram ainda mais expressivos: 78,8% relataram humilhação, 86,7% violência psicológica e 29,2% agressão física.

A precarização das condições laborais também foi evidente: 86,8% consideraram que o trabalho docente piorou ao longo do tempo e 77,4% relataram escassez de oportunidades de formação continuada. Somam-se a isso o tempo excessivo de deslocamento, a atuação em múltiplos turnos e a sobrecarga de atividades complementares. Destaca-se ainda a desigualdade de gênero: a maioria feminina (78,3%) acumula dupla ou tripla jornada, incluindo cuidados domésticos e familiares, o que agrava os impactos na saúde.



I SEMINÁRIO NACIONAL DO ONVE

Educação democrática,
direitos humanos e
enfrentamento às violências

24, 25 e 26 / novembro
UFF - Niterói

Conclui-se que a alta prevalência de sofrimento psíquico entre docentes está diretamente relacionada às violências - com destaque para a violência escolar, que se mostrou o fator de maior impacto -, à precarização do trabalho e às desigualdades de gênero. Os achados evidenciam a necessidade urgente de políticas públicas que valorizem a profissão, enfrentem a violência nas escolas e promovam melhores condições de saúde e trabalho. Apesar das adversidades, muitos professores persistem na carreira não apenas pela paixão em ensinar e pela crença de que a educação é capaz de transformar vidas e reduzir desigualdades sociais, mas também por se tratar de um emprego público que garante estabilidade em um contexto de inseguranças econômicas do país.



observatório nacional da
violência contra educadoras/es